

O genocídio de Herrero e Nama finalmente reconhecido pela Alemanha

Via [CADTM](#)

Aquele que foi o primeiro genocídio do século XX, finalmente é reconhecido. Em 28 de maio, a Alemanha reconheceu pela primeira vez que cometeu um genocídio contra as populações Herero e Nama na Namíbia durante a era colonial.

Este é o resultado de uma determinada mobilização dos descendentes das vítimas que vêm lutando há décadas.

“Vamos agora chamar oficialmente estes eventos pelo que são da perspectiva de hoje: genocídio”, disse o Ministro das Relações Exteriores alemão Heiko Maas em uma declaração.

“À luz da responsabilidade histórica e moral da Alemanha, pediremos perdão à Namíbia e aos descendentes das vítimas” pelas “atrocidades” cometidas, continuou o ministro. Em um “gesto de reconhecimento do imenso sofrimento imposto às vítimas”, o país europeu apoiará a “reconstrução e o desenvolvimento” na Namíbia com um programa financeiro no valor de 1,1 bilhões de euros, acrescentou ele.

“A aceitação da Alemanha de que foi cometido um genocídio é um primeiro passo na direção certa”, disse Alfredo Hengari, porta-voz do presidente da Namíbia Hage Geingob.

No final do século XIX, os invasores alemães apreenderam as terras e o gado do povo Nama, que levava uma vida pastoral. As populações Herero e Nama viviam na parte sudoeste do continente africano, que desde então se tornou a Namíbia. Como parte da expansão da colonização alemã liderada por Bismarck, o então chanceler de Kaiser Wilhelm I, a Alemanha, assumiu

este território em 1884 e o colonizou.

Um extermínio para criar " um território branco"

Vinte anos depois, em 1904, os guerreiros Herero, apoiados por seus vizinhos Nama, se levantaram e mataram colonos alemães. Em junho de 1904, o General Lothar Von Trotha, nomeado comandante-chefe das tropas na colônia alemã do Sudoeste da África, desembarcou na posse do Reich com a missão de derrubar a revolta dos Herero e Nama.

Von Trotha já era conhecido por seus métodos de repressão colonial na China e na África Oriental alemã (Tanzânia, Burundi e Ruanda). A guerra que ele teve que travar, sob as ordens do Kaiser Wilhelm II, foi feroz. Ele planejou o extermínio dos dois povos para criar um território "branco".

Extermínio da rebelião

As tribos Herero representam hoje cerca de 7% da população namibiana contra 40% no início do século 20.

No total, pelo menos 60.000 Herero e cerca de 10.000 Nama perderam suas vidas entre 1904 e 1908. As forças coloniais alemãs haviam empregado técnicas genocidas: assassinatos em massa, exílio no deserto, onde milhares de homens, mulheres e crianças morreram de sede, e campos de concentração, como a famigerada Shark Island (Ilha do Tubarão).

Os ossos, especialmente os crânios das vítimas, foram enviados para a Alemanha para experiências científicas raciais. O médico Eugen Fischer, que trabalhou na Shark Island e cujos escritos influenciaram Adolf Hitler, procurou provar a "superioridade da raça branca".

Reparação limitada

O chefe da diplomacia alemã especifica que não se trata de uma compensação com base legal, e que este reconhecimento não abre o caminho para qualquer "reivindicação legal de compensação".

Esta soma será paga durante um período de trinta anos, de acordo com fontes próximas às negociações, e deve beneficiar prioritariamente os descendentes destas duas populações.

“Não podemos traçar uma linha sob o passado. O reconhecimento da falha e o pedido de perdão são, no entanto, um passo importante para superar o passado e construir o futuro juntos”, disse o chefe da diplomacia alemã.

Em um desejo de reconciliação, a Alemanha havia entregado em 2019 à Namíbia os restos mortais dos membros das tribos Herero e Nama exterminadas, e a Secretária de Estado das Relações Exteriores, Michelle Müntefering, havia então pedido *“perdão do fundo do meu coração”*.

Este gesto foi claramente considerado insuficiente pelos descendentes e pelas autoridades namibianas, que exigiram um pedido oficial de desculpas e reparações. A Alemanha se opôs repetidamente a isto, citando os milhões de euros em ajuda ao desenvolvimento que deu à Namíbia desde sua independência em 1990.

Enquanto o trabalho de memória da Alemanha sobre o período nazista é geralmente considerado exemplar, o trabalho sobre o período colonial na África, a partir da segunda metade do século XIX e início do século XX, tem sido negligenciado por muito tempo.

O reconhecimento do primeiro genocídio do século XX representa um passo em frente e uma vitória. Também na Alemanha, o Parlamento (Bundestag) havia reconhecido o genocídio armênio em maio de 2016, opondo-se assim ao negacionismo do estado turco, que estava pressionando para impedir este reconhecimento. Além disso, Angela Merkel considera a resolução do parlamento não vinculativa e, portanto, não deu o passo formal desse reconhecimento.

O reconhecimento da Alemanha vem logo em seguida da visita de Emmanuel Macron a Ruanda, durante a qual ele reconheceu as

responsabilidades francesas no genocídio de Tutsi de 1994, mas não apresentou um pedido oficial de desculpas em nome da França. Portanto, este é um passo adiante, mas estamos longe da justiça, especialmente no que diz respeito aos funcionários estatais franceses (Mitterrand, Hubert Védrine, Alain Juppé e outros) que conduziram esta política secreta em nome do país.

A luta continua aqui pela verdade e justiça, contra a impunidade dos cúmplices de um genocídio que matou um milhão de pessoas em três meses.